

Medium
Date
Event

Jornal
04.2025
Adriana Varejão

Publication
Author

O Globo
Nelson Gobbi

O GLOBO | Segunda-feira 28.4.2025
SEGUNDO CADERNO

segundocaderno@oglobo.com.br

FOTOS DE DIVULGAÇÃO/ARTUR MIRANDA MACHADO



Aproximações. Sala com as telas "Cinta" (1995) e "Noiva" (1994), de Paula Rego, e "Renda Renascença" (2025), feita por Adriana Varejão para a exposição

DIÁLOGOS TRANSATLÂNTICOS

NUMA SÉRIE DE ABERTURAS QUE INCLUI EXPOSIÇÕES EM NOVA YORK E ATENAS, ADRIANA VAREJÃO ESTÁ EM CARTAZ EM LISBOA NUMA MOSTRA CONJUNTA COM OBRAS DE PAULA REGO, ABORDANDO TEMAS QUE VÃO DO FEMININO À QUESTÃO COLONIAL

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br
URISA

Adriana Varejão conheceu Paula Rego em 2016, quando visitou a pintora portuguesa em Londres, onde ela viveu de 1952 até sua morte, em 2022. Elas fariam uma exposição conjunta no ano seguinte, na Carpintaria, galeria do Jardim Botânico, Zona Sul do Rio. Do primeiro contato, restou o desejo de uma mostra ampliando o diálogo entre as duas produções, o que se concretizou este mês no Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, com a abertura de "Entre os vossos dentes", com cerca de 80 obras da dupla.

Com curadoria assinada por Adriana, pelo carioca Victor Gorgulho e a portuguesa Helena de Freitas, a exposição destaca pontos de contato entre séries de diferentes fases das artistas, ou do percurso dividido em 13 núcleos, com exposição criada por Daniela Thomas. Da brasileira, estão obras de séries icônicas, como "Ruínas de carne", "Extirpação do mal" e as "Saunas"; enquanto Paula é representada por trabalhos de conjuntos como "Mulher Cão" e "O aborto". A mostra em Lisboa, a sua maior até hoje no país, é a segunda de três exposições que Adriana abre em sequência no exterior: em março, ela inaugurou no Hispanic Society Museum & Library, em Nova York, a individual "Don't forget, we come from the Tropics", reunindo trabalhos de sua série de "Pratos", e, no dia 15 de maio, vai abrir na Gagosi-an de Atenas sua primeira individual na Grécia, com obras inéditas em cerâmica.

—Querida, queria mais tempo para curtir tudo, mas ainda volto

para Nova York e para Lisboa depois para rever as mostras. Não chega a ser cansativo, mas é corrido. E foi especial fazer minhas primeiras curadorias, em Nova York também assinei

—conta Adriana.—No início, não tinha consciência de que minha obra e da Paula tinham tanta fricção. E nem me propus a ter um olhar de especialista na produção dela, foi uma aproximação afetiva. Como o trabalho dela é pautado nas teorias do feminismo, pensei que poderíamos ampliar esse olhar para falar também das teorias coloniais. Mas é um caminho de ida e volta, porque a obra dela também levou a minha para lados incríveis, do erotismo, da loucura, liberdade do discurso.

Diretor do Centro de Arte Moderna Gulbenkian desde 2021, o francês Benjamin Weil recorda o convite para Adriana, em 2022, para fazer a mostra no local, e de pedir-

lhe que ela fosse como "um soco no estômago".

—E foi o que ela conseguiu. São duas artistas de gerações diferentes, mas com preocupações muito similares, e é possível ver que há uma cultura comum —observa Weil.—Elas cresceram em períodos de ditadura em seus países, então trazem códigos de violência de sociedades controladas por um regime político forte, com referências ao catolicismo, ao patriarcalismo.

CURADORIA DE 'ESCUTA'

Victor Gorgulho conta que, mesmo com a pesquisa anterior à montagem, muitas das interseções entre as duas obras foram identificadas no momento em que se encontraram no mesmo espaço: —Até observávamos relações estéticas, temáticas, de processos. Mas, olhando as obras juntas, fomos pensando nessa grande conversa entre as duas, separadas em diferentes assuntos, em cada núcleo. Foi uma curadoria de escuta dos trabalhos, percebendo como um potencializava o outro.

Para o curador, a exposição, dividindo todo o espaço expositivo em 13 ambientes cercados, como cômodos, ajudou a destacar para o público a relação entre as produções. Brancas por fora, as paredes que cercam os núcleos deixam en-



Mar, "O pescador", de Paula (acima) e "Pérola imperfeita", de Adriana

trever as obras em seu interior, através de passagens e frestas.

—E como se fosse um olhar voyeur do espectador, passando por entre as fendas dessas pequenas salas, dessas alcovas —explica Daniela Thomas.— Como estivéssemos vendo algo que não é dado a ver, questões da condição feminina, da mais profunda intimidade. As paredes protegem essa experiência do espectador, e permitem as pessoas flanarem, se perderem entre os núcleos.

Ex-diretora da Casa das Histórias Paula Rego, museu dedicado à artista em Cascais, Helena de Freitas acredita que a exposição permite mudanças de pontos de vista sobre as duas produções.

—Há uma compreensão temática do corpo de trabalho da Paula que aqui, de alguma maneira, foi expandido. E acho que o mesmo pode-se dizer da Adriana —avalia a curadora.— Elas têm em comum um território de intervenção social, político, universal ou íntimo, mas o fazem de forma diferente. A princípio, não foi deliberado buscar o que era parecido, mas aos poucos vimos onde elas se tocam e se transformam.

DUAS CASSANDRAS

Filho de Paula e do pintor inglês Victor Willing (1928-1988), o diretor e roteirista Nick Willing esteve presente na abertura da exposição e se disse impressionado com a proximidade de duas artistas tão distantes:

—Às vezes minha mãe era um pouco insegura e tímida, me lembro na época da (mostra na) Carpintaria dela em dúvida de como os trabalhos seriam mostrados, se juntos ou não. E é incrível ver hoje, três anos depois de sua morte, como as obras têm força, até mais, por tudo o que acontece no mundo. Acho que elas são duas Cassandras, nos prevenindo e dizendo: "cuidado". Nisso acho que são irmãs.

Nelson Gobbi viajou a convite da Fundação Calouste Gulbenkian

NA PÁG. 2. LUTO E BALANÇO DE VIDA AOS 60 ANOS



Sobres. Adriana Varejão entre uma das partes de seu triptico "Parede com incisões à la Fontana" (2002) e a tela "Anjo" (1998), de Paula Rego